

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E COMUNICAÇÃO
HUMANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE:
CLÍNICA E CULTURA

**ENSAIO SOBRE AS IMAGENS: ENLACE ENTRE TEORIA PSICANALÍTICA E A
ARTE DE ANA MENDIETA**

GABRIELA GOMES DA SILVA

Porto Alegre
2023

GABRIELA GOMES DA SILVA

Versão original

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Mestre em Psicanálise.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Maria Perrone

Linha de pesquisa: Psicanálise e Cultura

Porto Alegre

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
LUME – Repositório Digital
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CIP - Catálogo na Publicação

Silva, Gabriela Gomes da
Ensaio sobre as imagens: enlace entre teoria psicanalítica e a arte de Ana Mendieta / Gabriela Gomes da Silva. -- 2023.
93 f.
Orientadora: Cláudia Maria Perrone.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. psicanálise. 2. Ana Mendieta. 3. imagem. 4. arte. 5. teoria feminista. I. Perrone, Cláudia Maria, orient. II. Título.

Nome: Silva, Gabriela Gomes da

Título: Ensaio sobre as imagens: enlace entre teoria psicanalítica e a arte de Ana Mendieta

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Mestre em Psicanálise.

Aprovada em: __/__/____.

Banca examinadora

Dr.^a Alessandra Affortunati Martins
Cátedra Edward Said (UNIFESP)

Prof.^a Dr.^a Verónica Gago
Universidade de Buenos Aires (UBA)

Prof.^a Dr.^a Roselene Ricachenevsky Gurski
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Universidade de São Paulo (USP)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, professora Cláudia Maria Perrone, por ter confiado a mim uma de suas vagas de orientação, bem como me acompanhado neste percurso de trabalho, atenta a uma transmissão cuidadosa e ética.

Também à CAPES, pela bolsa, a qual foi essencial para que eu pudesse me dedicar ao mestrado.

À Flávia, que desde o início desta trajetória tem sido uma importante companheira, dividindo angústia e alegrias. À Ju pelas trocas afetuosas e a parceria nas idas ao Coletivo.

Agradeço aos amigos Caio, Ivana e Filipe que, com muito carinho, tornaram este percurso acolhedor e muitas vezes se propuseram a escutar minhas indagações teóricas.

Aos meus pais, por me incentivarem a seguir com o caminho da pesquisa.

Por fim, agradeço ao PPGCLIC e professores por esses dois anos de intensa aprendizagem.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo ampliar a discussão acerca das imagens no campo psicanalítico. Enquanto linguagem, destacamos nas imagens sua capacidade simbólica e, por conseguinte, sua potência crítica frente ao laço social. Para tanto, apresentamos como guia narrativo os trabalhos artísticos de Ana Mendieta. Em articulação com a psicanálise e outras áreas do saber, como a filosofia e a teoria feminista, buscamos provocar o choque temporal entre as fotografias da artista e o tempo presente, através do qual propomos o tensionamento entre a arte de Ana Mendieta e as novas dinâmicas que surgem na relação entre imagens e tecnologia. Ademais, sensível à violência contra as mulheres, Mendieta produziu em suas imagens e no seu próprio corpo os atravessamentos de uma cultura patriarcal. Nesse sentido, percorremos um breve caminho pelos quatro anos de governo Bolsonaro, dando ênfase para um repertório de políticas públicas defasadas e processos de subjetivação no fluxo da misoginia. Por fim, a partir da íntima relação entre corpo feminino e território explorada por Ana Mendieta em suas obras, realizamos uma aproximação, através de uma dimensão simbólica, com a construção de um Coletivo de Mulheres da periferia de Porto Alegre (RS), em vista da criação de uma linguagem outra, fora da gramática patriarcal, oriunda da experiência de lideranças femininas negras.

Palavras-chave: psicanálise; Ana Mendieta; imagem; arte; teoria feminista.

ABSTRACT

The present work aims to broaden the discussion about images in the field of psychoanalysis. As a form of language, images are highlighted through their symbolic capabilities and, thereafter, through their strength of criticism towards the social bond. Therefore, the artistic works of Ana Mendieta are presented as a narrative guide. Through the articulation between psychoanalysis and other fields of knowledge, such as philosophy and feminist theory, a temporal shock is provoked between the artist's photography and its relationship with present times, through which a tensioning between Ana Mendieta's art and the new dynamics that appear among the relationship between images and technology is proposed. Furthermore, in her sensibility towards violence against women, Mendieta has produced in her images and in her own body the penetrations of a patriarchal culture. In that sense, a short path along the four years of Bolsonaro's government of Brazil is traced, focusing on a repertoire of outdated public policies and processes of subjectivization in the flow of misogyny. Lastly, based on the intimate relationship between female body and territory, which Ana Mendieta's work explores, a symbolic approximation with the construction of a collective of women in the outskirts of Porto Alegre, Brazil, is pursued, with the goal of creating an alternative form of language, outside of the patriarchal grammar and from within the personal experiences of black female leaders.

Keywords: psychoanalysis; Ana Mendieta; image; art; feminist theory.

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo ampliar la discusión acerca de las imágenes en el campo psicoanalítico. Como lenguaje, destacamos en las imágenes su capacidad simbólica y, consecuentemente, su potencia crítica ante el lazo social. Para tanto, presentamos como guía narrativo a los trabajos artísticos de Ana Mendieta. Articulándolos con el psicoanálisis y otros campos del conocimiento, como la filosofía y la teoría feminista, buscamos provocar un choque temporal entre las fotografías de la artista y el tiempo presente, a través de lo cual proponemos una tensión entre el arte de Ana Mendieta y las nuevas dinámicas que surgen en la relación entre imágenes y tecnología. Además, sensible a la violencia contra la mujer, Mendieta produjo en sus imágenes y en su cuerpo los cruces de una cultura patriarcal. En ese sentido, recurrimos un breve camino por los cuatro años del gobierno Bolsonaro, poniendo énfasis a un repertorio de políticas públicas desfasadas y procesos de subjetivación en el flujo de la misoginia. Por fin, a partir de la íntima relación entre cuerpo femenino y territorio explorada por Ana Mendieta en sus obras, realizamos una aproximación, a través de una dimensión simbólica, con la construcción de un Colectivo de Mujeres en la periferia de Porto Alegre, Brasil, intentando crear a otro lenguaje, afuera de la gramática patriarcal, a partir de la experiencia de liderazgos del feminismo negro.

Palabras-clave: psicoanálisis; Ana Mendieta; imagen; arte teoría feminista.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Imagen de Yagul</i> (série <i>Silueta</i>)	26
Figura 2 – Sem título [série <i>Fetish (Iowa)</i>].....	27
Figura 3 – Sem título (<i>Glass on Body Imprints</i>).....	29
Figura 4a – Sem título (<i>Facial Variations Cosmetic</i>) (1)	30
Figura 4b – Sem título (<i>Facial Variations Cosmetic</i>) (2).....	31
Figura 5 – Sem título (<i>Rape</i>).....	34
Figura 6 – Sem título (<i>Rape Scene</i>).....	37
Figura 7a – Sem título (<i>Self-Portrait with Blood</i>) (1).....	38
Figura 7b – Sem título (<i>Self-Portrait with Blood</i>) (2).....	39
Figura 8 – Sem título.....	40
Figura 9 – <i>The No Wave Performance Task Force left blood and guts in front of the Dia Art Foundation in honor of the late Ana Mendieta</i>	42
Figura 10 – <i>Protesters crossing Millennium Bridge en route to Tate Modern</i>	43
Figura 11 – <i>Protesters chanting slogans on the Turbine Hall ramp outside the artist's preview</i>	43
Figura 12 – Sem título (<i>Maroya</i>).....	45
Figura 13 – Sem título (<i>Jaruco</i>)	46
Figura 14 – <i>Venus Negra</i>	46
Figura 15 – <i>Bacayú [Light of Day (Rupestrian Sculptures)]</i>	47
Figura 16 – <i>Itiba Cuhababa [Old Mother Blood (Rupestrian Sculptures)]</i>	48
Figura 17 – <i>Bird Transformation</i>	50
Figura 18 – Sem título, série <i>Silueta</i> (1)	68
Figura 19 – <i>Flower Person, Flower Body</i>	68
Figura 20 – Sem título, série <i>Silueta</i> (2)	70
Figura 21 – <i>Alma, Silueta en Fuego</i>	70
Figura 22 – Sem título [<i>Guanaroca (First Woman)</i>].....	72
Figura 23 – Sem título (série <i>Sandwoman</i>).....	72

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. Metodologia	16
3. A potência crítica das imagens	21
3.1 <i>Reivindico o território como se fosse um cachorro mijando no chão: a potência crítica das imagens em Ana Mendieta</i>	23
3.2 Reconhecimento facial e os impasses da tecnologia: choque entre corpo e máquina	29
4. E se ela estivesse viva?	36
4.1 Atravessamentos da violência na carreira artística de Ana Mendieta	36
4.2 Where is Ana Mendieta? Where are Latin artists?	41
4.3 Breve cartografia da misoginia bolsonarista: falicismo na política institucional do Brasil e seu impacto no laço social	52
4.3.1 Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (e conservadorismo)	55
4.3.2 <i>A Amazônia, uma mulher tão bonita</i>	58
4.3.3 Misoginia no mundo digital	60
5. Potência feminista: corpo, território e uma contraofensiva pela vida	65
5.1 O território do feminino em Ana Mendieta	67
5.2 Corpo-território: a organização de um Coletivo de Mulheres	75
5.3 Potência feminista e uma linguagem fora da gramática patriarcal	78
6. Considerações finais	80
Referências	81

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um convite a conhecer o trabalho da artista cubana Ana Mendieta em articulação com a psicanálise. No enlace entre ambas, abordamos o campo e a potência crítica das imagens. Estamos cientes do entendimento lacaniano a respeito da relação entre imagens e o registro do Imaginário, associado às ilusões do eu, no entanto, retomamos aqui a discussão acerca das imagens enquanto linguagem e, por isso, produtora de novos sentidos.

Posto isso, esclarecemos que nosso percurso de escrita não acontece ao redor do Imaginário e sua relação com os registros Simbólico e Real, ao passo que não rechaçamos a complexa relação e os conflitos que o Imaginário dispensa na teoria psicanalítica, em especial, ao seu caráter de engodo na formação do eu conceitualizado por Lacan (1996). Dessa forma, nosso direcionamento concerne às imagens para além da relação narcísica do eu, mas em uma dimensão política e descolonizadora, sobretudo, na intersecção entre as obras de Ana Mendieta, psicanálise e outras áreas do saber, como filosofia e teoria feminista. Assim, ampliando as discussões sobre imagens na teoria psicanalítica.

A compreensão que estabelecemos das imagens enquanto linguagem parte do conceito de imagem dialética em Walter Benjamin (2009). Para o filósofo alemão, as imagens configuram a dialética na imobilidade, provocando tensão entre distintos tempos, isto é, o choque entre duas ou mais temporalidades, na qual passado e presente se chocam. Nesse arrebatamento está a imagem que, como um lampejo, promove o encontro entre o ocorrido e o agora, formando uma constelação. Nesta díade entre o ocorrido e o agora, a história não é compreendida enquanto linear, seguida por fatos cronologicamente estabelecidos. Para o autor interessam as ruínas, fragmentos e farrapos para a construção de seu pensamento, e com os quais o materialismo histórico trabalha. “Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é: não-arcaicas), e o lugar onde as encontramos é a linguagem” (BENJAMIN, 2009, p. 504).

Dessa forma, propomos que as fotografias de Ana Mendieta, carregam consigo elementos que embaralham o sensível e que, através de uma visualidade dissidente, tensionam estruturas hegemônicas que excluem determinados sujeitos do campo da visibilidade e reconhecimento. Elementos que promovem inquietação e irrompem como um tropejar diante de nossos olhos. Para tal, nossa pesquisa é sustentada pela metodologia ensaio-*flânerie* (GURSKI, 2008), a qual estabelece a articulação entre a escuta psicanalítica e o tema da experiência e do *flâneur* em Walter Benjamin. Enquanto pesquisadora, estou atenta aos

detalhes e pormenores que recolho da vida cotidiana, seja de reportagens, manifestações sociais e culturais, atravessamentos de discursos que me rodeiam no dia a dia. Fragmentos que constroem uma constelação de ideias que dão corpo à dissertação ao passo que se enlaçam às obras de Ana Mendieta.

Também elegemos como terreno de tensões (e choques) as imagens e a sua relação com as novas tecnologias. A cada minuto somos expostos a fotos, *memes* e *posts* que nos emaranham em uma teia de informações nem sempre verídicas. A rapidez com que imagens chegam aos nossos olhos através de telas de celular e computadores parece incalculável. Diariamente diversas imagens circulam pelas mídias digitais e são fruto de novos processos de produção que necessitam de atenção devido a sua inovação. Isso não significa desqualificar todos os avanços que a tecnologia tem propiciado – sem ela não teríamos sequer conhecido as obras de Ana Mendieta – no entanto, há novas dinâmicas que merecem atenção, tal como a Inteligência Artificial, a programação de algoritmos e, sobretudo, os corpos e as subjetividades censurados e/ou impossibilitados de acessar tal tecnologia. Desse modo, quais são as possibilidades de tensionamento que o trabalho de Ana Mendieta opera neste cenário? Por que olhar novamente para trabalhos artísticos com mais de quarenta anos de criação?

Latina e exilada nos Estados Unidos¹ ainda adolescente, Mendieta produziu ao longo de sua breve carreira uma série de imagens perturbadoras. A maior parte de seu trabalho foi desenvolvido na década de 1970, período em que o campo da arte começa a se abrir para diversas outras manifestações artísticas como a *body art* e a performance, indicando os primeiros caminhos para o que hoje conhecemos como arte contemporânea (BRIZUELA, 2018). Dotada de liberdade poética, Ana Mendieta deslizou em espaços para além do estúdio.

A prática híbrida fazia parte do trabalho da artista, que transitava entre fotografia, *body art*, performance, *land art*, escultura e desenhos, criando até mesmo um termo específico, o *earth-body sculpture* – “escultura térreo-corpórea”, associado à sua série *Siluetas*. Entre os vários materiais que a artista utilizou para compor suas obras, tais como terra, sangue, areia e fogo, seu próprio corpo ganha destaque, seja em sua imagem completa ou apenas sua silhueta.

Em grande parte de suas obras, o corpo de Ana Mendieta se apresenta deformado e exposto. Tal corpo monstruoso rompe com a prática de homogeneização de subjetividades em

¹ Exílio intermediado, em 1961, pela Igreja Católica de Miami através da operação Peter Pan, a qual retirou de Cuba milhares de crianças. O motivo da retirada foi a Revolução Cubana de 1959 que alçou ao poder a figura de Fidel Castro.

identidades² fixas que, através da fotografia em sua utilização representativa e documental, visou tanto o controle quanto a observação de sujeitos. Um corpo que grita, pois embora todos os esforços para mantê-lo enclausurado, sobretudo, nos ditames coloniais, explode em sangue e pele todas as possibilidades de vida que corpos dissidentes têm ao desvincular-se das normas dominantes de visibilidade (BRIZUELA, 2018).

Sensível à violência contra as mulheres, Mendieta produziu em seu corpo os atravessamentos de uma cultura patriarcal. Ao depositarmos nosso olhar nas fotografias de sua performance *Sem título (Rape Scene)* (1973a), não é possível escapar à perturbação. A cena violenta manifesta-se em todos os detalhes: o sangue, o corpo despido e amarrado e a escolha do ângulo em que a câmera é posicionada, permitindo ao nosso olhar poder sobre o corpo que jaz na mesa, como se estivéssemos na mirada do agressor frente à mulher violada.

Além disso, ressaltamos que não se trata de um corpo deslocado dos processos históricos que atravessam as vivências latino-americanas frente a exploração e desumanização colonial, ao contrário, este ao presentificar-se na imagem, expressa e produz a ruptura diante de insígnias do olhar colonizador, em especial, a corporeidade das mulheres latinas, as quais duramente foram exploradas pela invasão europeia (FEDERICI, 2017). Nesse sentido, percebemos nas obras da artista sua íntima relação com a terra e natureza: a extensão do corpo feminino com a paisagem.

Ademais, quando falamos em mulheres latinas e colonização, não é possível deixar de articular as noções de classe, raça e gênero, visto que nem todas as mulheres vivenciaram e vivenciam as mesmas opressões da violência colonial, a qual ressoa nos dias de hoje. Embora não sejam equivalentes entre si, raça, gênero e classe existem em uma dinâmica de interdependência. Tais categorias surgem através de sua relação triangular e, juntas, sustentaram a exploração do regime colonial (McCLINTOCK, 2010). Mulheres brancas, desde a colonização, carregam os privilégios da branquitude; ocultar este fato é compactuar com o encobrimento acerca das violências que o processo de colonização implicou em corpos de mulheres negras e indígenas.

Também é despolitizar a arte de Ana Mendieta, que em diversas oportunidades reafirmou sua posição em movimentos feministas de mulheres racializadas. Sendo assim, ao

² Quando nos referimos à identidade, pensamos em sua dimensão subjetiva. Em termos psicanalíticos, o fechamento de uma identidade não é possível, mas se organiza em uma busca constante, através de processos de identificação na relação com o Outro e o mundo exterior. A empreitada pela identidade, constitutiva do sujeito, se dá em um processo contínuo e aberto, visto que a inserção do sujeito na ordem simbólica implica em um rompimento com a unidade primordial, isto é, a ilusão de uma identidade, vivenciada no estágio do espelho (segundo Douglas Rodrigues Barros, em comunicação pessoal).

longo da dissertação, quando nos referimos a mulheres latino-americanas, é necessário ter esse esclarecimento, sobretudo, o atravessamento mais intenso da violência contra corpos negros e indígenas.

Infelizmente, a vida da artista foi interrompida abruptamente em 1985, ao despencar do 34º andar do prédio em que morava com o esposo, Carl Andre, em Nova Iorque. Apesar de todas as controvérsias e depoimento de testemunhas, sua morte foi decretada como suicídio. No entanto, segue até hoje a luta feminista pelo reconhecimento de seu assassinato por Carl Andre, artista minimalista absolvido em julgamento que, não obstante, seguiu expondo seu trabalho em grandes museus. Assim, a última silhueta de Ana Mendieta, contornou sua morte e interrompeu seu efervescente percurso artístico. Contudo, seu trabalho e nome continuam a abalar tanto a estrutura dos cânones da arte quanto o olhar de seus observadores. Com efeito, essa pesquisa celebra a sua potente e subversiva arte.

À vista da preponderância do feminino no trabalho da artista, recorreremos às contribuições da teoria feminista. Sabemos que, ao longo dos anos, a psicanálise recebeu críticas de diferentes teóricas feministas, visto que o campo psicanalítico e sua produção de conhecimento não escapou ao discurso patriarcal de seu tempo (MARTINS; SILVEIRA, 2020). Contudo, é justamente neste ambiente, com toda sua complexidade e tensão, que algo potente e novo pode emergir. Tanto a psicanálise como a teoria feminista podem, em sua articulação, permitir reflexões e a criação de uma política de vida para mulheres.

Desse modo, este ensaio será apresentado em fragmentos. Detalhes das obras de Ana Mendieta serão sobressaídos e fracionados em discussões menores. Retomando a montagem benjaminiana (2009), elementos que constroem as imagens de Mendieta formam uma constelação de ideias que sustenta a proposta desta pesquisa: a potência crítica das imagens.

Para tanto, elegemos três elementos das obras de Ana Mendieta, os quais aparecem de forma recorrente em seus trabalhos. São eles: corpo, território e feminino. Tal eleição se deu pelos ‘contrastes dialéticos’ (BENJAMIN, 2009) que estes pontos promovem ao se chocarem com nosso tempo presente.

De maneira a localizar o leitor, apresentamos a metodologia antes do desenvolvimento teórico. Entendemos ser necessário, visto o caráter fragmentário no qual se desenrola a pesquisa. Por isso, apresentamos em um primeiro momento o que concerne ao ensaio-*flânerie* (GURSKI, 2008).

Posteriormente, no primeiro capítulo, tendo como guia o trabalho artístico de Ana Mendieta e nos valendo da psicanálise em interface com as contribuições de Walter Benjamin, Jacques Rancière e Silva Cusicanqui, tecemos nossa discussão acerca das imagens enquanto

linguagem e, por conseguinte, sua capacidade simbólica e de potência crítica. Nessa direção, propomos o choque temporal entre as imagens criadas por Ana Mendieta e o desenvolvimento de Inteligência Artificial para o uso de reconhecimento facial na segurança pública. Neste capítulo, conferimos a dimensão política que corpos dissidentes evocam quando embaralham a ordem do sensível, em especial, quando a tecnologia é apropriada para vigiar e classificar sujeitos e territórios enquanto ameaça.

Já no segundo capítulo, retomamos as fotografias em que Ana Mendieta explora a violência contra as mulheres. Sangue, machucados e carne exposta tornam assustadoras as fotografias de Mendieta, mas para além das imagens, abordamos a violência que a artista vivenciou na sua trajetória artística e que teve como desfecho sua precoce morte. Posto que Mendieta foi sensível à violência contra as mulheres e também pela aproximação entre psicanálise e teoria feminista, realizamos um breve caminho pelos últimos quatro anos de governo Bolsonaro e sua gestão ancorada no falicismo e em seu palanque digital, que resultou em uma política de morte, tendo seu ápice na pandemia de covid-19. Partimos da compreensão de Verónica Gago, de que conectar a relação orgânica entre as diferentes violências que simultaneamente sustentam o aumento de casos de feminicídio é uma medida que confere às mulheres o deslocamento de uma linguagem patriarcalista. Aqui o choque se desenrola entre o lugar em que desejam enclausurar corpos femininos e feminizados e a potência de ação e transformação quando se desvia deste “destino” paternalista.

Dessa forma, no terceiro e último capítulo, nos voltamos para os trabalhos *Silueta* (1973-1980), *Esculturas Rupestres* (1980-1983) e *Sem título (Sandwoman)* (1983) de Mendieta. Ressaltamos a íntima relação entre corpo e território nessas obras e propomos uma leitura que aproxime, através de uma dimensão simbólica, a arte de Mendieta e a construção de um Coletivo de Mulheres em Porto Alegre (RS). Por conseguinte, quando propomos essa aproximação temos em vista o surgimento de um outro léxico discursivo que, a contrapelo da gramática patriarcal, constitui uma rede de significantes que dão corpo ao cuidado, à luta, à emancipação e ao reconhecimento da alteridade. Estamos falando da aliança entre lideranças femininas e sua implicação na concretização de desejos e transformações que ensejam para seus filhos, vizinhos e comunidade.

Compreendemos que os temas desenvolvidos nesta pesquisa são importantes frente a um cenário político e social que nos últimos quatro anos nos envolveu em uma trama violenta e segregatória e que, sobretudo, traz a novidade digital. Discutir imagens como a arte de Ana Mendieta e sua capacidade simbólica tensionam e alteram a ordem sensível que, como discutiremos, determina quem tem direito ao reconhecimento. Dessa forma, resgatamos às

imagens a capacidade de manterem viva uma história e iluminarem novos sentidos no presente.

Esta escrita é desenvolvida na linha de pesquisa Psicanálise e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a qual tem como implicação a articulação entre teoria psicanalítica e outros campos do saber, tendo em vista a relação entre os sujeitos e a cultura. Também faz parte das pesquisas desenvolvidas no Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC), Eixo 3: Psicanálise, Educação, Intervenções Sociopolíticas e Teoria Crítica, que tem como objetivo a intersecção do referencial psicanalítico com outras áreas, bem como a articulação entre a ética da psicanálise e as diversas situações de sofrimento experienciadas no laço social, sustentando a importância de pensar e operar na interface entre clínica e política. Ademais, damos continuidade aos estudos da obra benjaminiana que acontecem no NUPPEC Eixo 3, em especial, as imagens dialéticas, contudo, ampliamos a sua conexão com autores recentes como Rancière e Cusicanqui, assim como uma articulação mais densa entre psicanálise e teoria feminista.

2. METODOLOGIA

Na articulação entre psicanálise e educação desenvolvida por Gurski (2008) em sua tese de doutorado, surge o ensaio-*flânerie*: metodologia de pesquisa que promove o enlace entre a escuta psicanalítica e o tema da experiência e do *flâneur* em Walter Benjamin. Esse encontro se sustenta pela união de três elementos: “a *flânerie* como um modo de olhar do pesquisador, do ensaio como a ‘janela da escrita’ e do tema da experiência como uma tentativa de produzir polissemia e criação ao invés de repetição e fechamento de sentidos” (GURSKI, 2008, p. 25).

A aproximação entre Freud e Walter Benjamin nos possibilita notar semelhanças quanto ao método de investigação que cada teórico criou. Ambos se debruçam sobre o sujeito que nasce da modernidade e sua relação com o laço social, contexto caracterizado pelo surgimento das massas, pelo desenvolvimento de armas e tecnologia. Tanto Freud quanto Benjamin colocam em evidência a inscrição do *fragmento* e do *resto* na constituição do sujeito moderno: o psicanalista, através da investigação do pensamento onírico, e o filósofo, com um método em que o pensamento se apresenta em imagens (PERRONE; GURSKI, 2020).

Gurski (2008), ao mencionar *flânerie*, estabelece ligação com a atividade do *flâneur*, figura retomada do poeta francês Charles Baudelaire por Benjamin. O *flâneur* aparece como o catador de restos que se abre para alteridade ao passo que perambula sem destino pela cidade, bem como direciona seu olhar para o que socialmente é tomado como descartável, e que por isso deveria permanecer na invisibilidade. Tal figura, segundo Perrone e Gurski (2020), relaciona-se ao psicanalista, na medida em que este também se volta para o fragmento e o resto e, assim como o *flâneur*, oferece espaço para que novas formulações possam ser criadas a partir deste cenário rechaçado, em um movimento que se estabelece no sentido contrário da aceleração das grandes cidades.

Desse modo, a *flânerie* permite a manutenção da atenção flutuante, premissa freudiana que, na vivência da pesquisa, torna possível a emergência do novo (PIRES; GURSKI, 2020). Dessa maneira, quanto à *flânerie*: “refiro-me à atividade de vaguear com liberdade por sobre as notícias da mídia impressa e das narrativas fílmicas que tratam de jovens em situação de violência, buscando nelas revelações preciosas (e não tácitas) acerca do tempo atual” (GURSKI, 2008, p. 22). Em sua tese de doutorado, a autora dedicou-se a estudar a violência promovida por jovens brasileiros pertencentes às classes média e alta. À época de sua elaboração, Gurski realizou sua *flânerie* e a formação de seu campo empírico através de

notícias jornalísticas e produções culturais (cinema e mídia), as quais foram recortadas do período entre 1997 e 2007.

À vista disso, desde o primeiro semestre do mestrado, estou atenta àquilo que me interpela no social e que diz respeito à interface entre Ana Mendieta, psicanálise, arte e estudos feministas: estudos teóricos, matérias de jornal e televisão, produções culturais (cinema, música, exposições de arte e etc.), falas que escuto ao meu entorno e que me despertam reflexão. No entanto, não estabelecemos um recorte temporal; deixo-me ser interpelada sem delimitar um período de tempo, garantindo, como Gurski (2008) escreveu, um *corpus* de análise que contenha aspectos de nosso tempo e que produzam fontes para as implicações que decorrem da investigação no laço social.

As obras de Ana Mendieta me acompanham desde a graduação em Psicologia (2015-2020), realizada na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), campus de Santa Maria (RS). Neste percurso participei de grupos de estudos em gênero, bem como experienciei na clínica-escola, sob a supervisão de um professor psicanalista, a escuta de mulheres e seu sofrimento frente a agressões, físicas ou não. Presente nas discussões feministas da cidade, foi ao acompanhar a proposta de um ciclo de filmes em 2019, promovido por um coletivo da cidade, que conheci o trabalho da artista. Nos poucos frames do documentário em que Mendieta era citada, suas obras imediatamente me afetaram: foi um misto de choque e euforia.

Dessa forma, me aproximei cada vez mais das fotografias de Ana Mendieta, as quais me acompanham desde então, tanto em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) quanto em meu projeto de dissertação pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A arte de Mendieta tem sido guia de minhas inquietações acadêmicas. Como pesquisadora, percebo em sua criação artística uma intensa disrupção, tanto das normas convencionais de se fazer arte, quanto na maneira como a artista explora seu corpo nas imagens. Sua arte me estimula a tensionar temas caros à minha trajetória de pesquisa, sobretudo, na interface entre psicanálise, arte e feminismos.

Diante do exposto, alguns desenhos de pesquisa apareceram até o projeto apresentado na qualificação do mestrado em 2022. Neste último, a proposta tinha como um dos pontos norteadores o olhar e, por conseguinte, o saber que ele produz. A investigação pretendia percorrer a construção do olhar, com suas raízes coloniais e patriarcais que, em sua intersecção com o laço discursivo, categoriza posições sociais e promove violência contra determinados corpos. Havíamos partido da compreensão de que há uma lógica do olhar, influenciada pelo poder de uma parcela dominante, que determina quais corpos merecem ou não serem

subalternizados. Tal entendimento foi sustentado pela leitura do trabalho da professora e pesquisadora nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (2021), que aponta para visão e, conseqüentemente, a tomada dos corpos e sua diferenciação como central na constituição das sociedades ocidentais.

Nesse sentido, pretendíamos discutir as fotografias *Sem título (Glass on Body Imprints)* (1972a) e *Sem título (Rape Scene)* (1973a) de Ana Mendieta, respectivamente, com as seguintes propostas: investigar as representações visuais produzidas pelo laço social que imperam sobre corpos de mulheres, elucidando seus efeitos na produção de violência e ampliar o entendimento desta dinâmica como característica estruturadora e violenta de nossa cultura, a qual se utiliza de determinados mecanismos de controle como um *continuum* destreção.

Contudo, após escutar e refletir junto com minha orientadora as considerações das professoras presentes em minha banca de qualificação, bem como o seguimento de minha *flânerie*, a pesquisa seguiu por um outro caminho. Movida por outras inquietações retomo as obras de Mendieta como guia de minha escrita e discorro sobre as imagens enquanto linguagem. Tal compreensão se sustenta pela obra benjaminiana (2009), pela *outra cena* constituída no pensamento onírico (FREUD, 2019), além de pela articulação entre política e estética proposta por Jacques Rancière (2005), bem como pela capacidade narrativa e de compreensão crítica do laço social que Silvia Cusicanqui (2021) confere aos registros visuais.

Na *flânerie* que se sucedeu desde a qualificação, dois pontos são importantes para esclarecer o delineamento desta pesquisa: imagens e tecnologia; e psicanálise em articulação com a teoria feminista. Início pela proposta de tensão entre a arte de Mendieta e as imagens em um mundo digital. Em 2022, ocorreram as eleições para presidente no Brasil e novamente fomos interpelados por uma enxurrada de imagens falsas e manipuladas que espalharam mentiras e incitavam violência. Foram meses de tensão até o resultado final que, felizmente, findou com a necessária mudança de governo.

Ademais, em novembro do mesmo ano, aconteceu em Porto Alegre a 13^o Bienal do Mercosul. Com o tema *Trauma, Sonho e Fuga*, a mostra contou com a exposição de trabalhos de 100 artistas de 23 países. Entre as diferentes obras que compunham o catálogo, algumas em especial me despertaram maior atenção. São as obras do mexicano Rafael Lozano-Hemmer que desenvolve sua arte na intersecção entre arquitetura e performance.

Usando diferentes tecnologias, suas obras são criadas a partir da interação com o público. *Pulse Topology* (2021) é formada por 3 mil lâmpadas, em que cada uma brilha conforme o pulso de cada visitante, o qual é capturado por um sensor. Este sensor também é

responsável por fazer ecoar no espaço o som dos batimentos cardíacos. Já a obra *Thermal Drift* (2022) contém uma câmera térmica que permite ao visitante visualizar a dispersão de seu calor térmico através de uma tela. Diferentes cores vibram conforme o calor de cada corpo. Para além da beleza das obras de Rafael Lozano-Hemmer, sua arte me despertou para questionar até onde o uso da tecnologia poderia chegar. Nesse sentido, iniciei meu percurso em leituras sobre imagens e sua rápida circulação através da programação de algoritmos, Inteligência Artificial e seu funcionamento de aprendizagem, bem como a conexão entre misoginia e fóruns *online*.

Outro momento importante de minha *flânerie* corresponde à articulação entre psicanálise e teoria feminista. Nesse sentido, me aproximo das discussões e estudos propostos pelo Grupo de Estudos, Pesquisas e Escritas Feministas (GEPEF). Composto por uma rede de mulheres feministas e implicado na intersecção entre psicanálise, filosofia e outras áreas do saber, o grupo tem como objetivo ampliar, para dentro e fora da universidade, o trabalho intelectual de mulheres. Ao participar dos eventos promovidos pelo GEPEF, me aproximei das pesquisas da psicanalista Alessandra Affortunati Martins, em especial seu trabalho sobre a inveja da vulva na psicanálise (2023).

Além disso, o projeto de extensão *Escuta-flânerie em um coletivo de mulheres da periferia*, desenvolvido no grupo NUPPEC/Eixo3, me insere em uma outra experiência de escuta e pesquisa e, sobretudo, transmite a capacidade transformativa e função política que a união de lideranças femininas vem a promover. Voltaremos à construção do Coletivo de Mulheres no terceiro capítulo desta pesquisa, articulada, então, com as obras *Siluetas*, *Esculturas Rupestres* e *Sem título (Sandwoman)*, de Ana Mendieta, e com o livro *Potência Feminista, ou o desejo de transformar tudo*, de Verónica Gago (2020a).

Posto isso, ao longo do desenvolvimento da dissertação, fiz o uso do diário de experiência para fins de registro e investigação. Trata-se de um dispositivo metodológico que recorre à narração e abarca, em um movimento de associação livre, um compilado de escritos e anotações acerca das minhas experiências ao flunar. A inspiração para o diário de experiência decorre dos cadernos de notas de Walter Benjamin, dos diários clínicos de Freud e dos diários de campo mantidos em pesquisas da área etnográfica e antropológica (GURSKI; STRZYKALSKI, 2018). Num primeiro instante, a leitura do diário de experiência pode parecer confusa a um terceiro, contudo, é justamente nesse texto, com aparência fragmentária, que surge, *a posteriori*, toda a potência que decanta da repercussão causada pela narração da escrita *flânerie* que, em meio aos restos do cotidiano, engendra espaços para o surgimento do novo (PIRES; GURSKI, 2020).

Ademais, com a pluralidade de questões e fontes produzidas pela *flânerie*, a escrita em forma de ensaio permite a costura entre esses diferentes fragmentos e temporalidades, ao passo que inscreve no corpo do texto a dimensão da experiência (GURSKI, 2008). O ensaio, antes de mais nada, caracteriza-se por não elevar uma verdade ao *status* de inquestionável e convoca o pesquisador a se posicionar diante da escrita a partir do não-saber. Dessa forma, é necessário ao ensaísta se permitir formular questões ao longo do processo e afastar-se da noção pragmática de que é necessário a tudo conhecer sobre o objeto de seu trabalho (RIVERA, 2007).

Como elucidada Gurski (2008), o ato de resgatar o tema da experiência em Walter Benjamin, que o filósofo associa à atividade de narrar, nos posiciona em uma temporalidade a contrapelo do ritmo acelerado da sociedade e, sobretudo, “vincula a construção das narrativas à possibilidade de visitar lugares outros, ao encontro com o diverso, com o diferente” (GURSKI, 2008, p. 23). Desse modo, as imagens de Ana Mendieta se articulam em diferentes discussões que, embora possam parecer desconectadas em um primeiro instante, formam uma constelação de ideias. São várias as fotografias da artista que compõem o corpo desta escrita e que, através de suas montagens, sucedem em uma arte política que decanta em uma nova produção simbólica e, por conseguinte, evocam a potência crítica das imagens.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da dissertação, mergulhamos no trabalho artístico de Ana Mendieta. Sua potente arte sustentou a compreensão das imagens como potência crítica. A partir da costura entre diferentes temporalidades e atravessadas pela montagem das obras de Mendieta, construímos discussões entre diferentes recortes, que se unem em um comum: contar a história dos vencidos. Ampliar a compreensão sobre imagens na teoria psicanalítica diz de outras possibilidades de leitura frente ao laço social. Nesse sentido, inaugura-se um outro léxico discursivo que, a contrapelo da segregação e da misoginia, abre espaço para uma ação coletiva e emancipatória.

Ademais, na articulação entre psicanálise e teoria feminista, abrem-se questões para pensar nosso tempo presente, ao mesmo tempo que a perspectiva feminista tensiona o patriarcalismo embrenhado nas formulações psicanalíticas. Na pluralidade que surge deste enlace, é possível construir e imaginar um futuro outro e uma política de vida para mulheres. A indeterminação de seus corpos e o compartilhamento de saberes múltiplos tece uma nova linguagem que não diz de uma posição passiva, mas de potência feminista.

Sendo assim, este ensaio configura-se também como um desejo para futuros desdobramentos, em especial, a relação entre política, discursos de ódio, imagens e redes sociais. Este é um tema que se sobressai no cenário brasileiro recente, com consequências que merecem atenção devido à violência que propaga no laço social.

Por fim, que o nome e a arte de Ana Mendieta continuem a atravessar e desacomodar outros olhares, para além desta dissertação.

REFERÊNCIAS

- A.I.R. GALLERY. **About A.I.R.** Nova Iorque, 2023. Disponível em: <<https://www.airgallery.org/about-1>>. Acesso em: 8 fev. 2023.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALÉMAN, Jorge. **Para una izquierda lacaniana**. Buenos Aires: Grama, 2010.
- ALFANO, Bruno. Disque 100: manual criado por ministério de Damares prevê denúncias 'por ideologia de gênero'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 dez. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/disque-100-manual-criado-por-ministerio-de-damares-preve-denuncias-por-ideologia-de-genero-25305729>>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural (Feminismos Plurais)**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANDRADE, Bruna Letycia Ribeiro. “A culpa é toda delas”: analisando a naturalização do discurso dos celibatários involuntários (incels) no Brasil. **RIBPSI - Revista Iberoamericana de Psicologia**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 48-68, 2021. Disponível em: <<https://revista.uniandrade.br/index.php/ribpsi/article/view/2577>>. Acesso em: 12 dez 2022.
- ARMSTRONG, Annie. **Who is Ana Mendieta, and why is her absence from the New Tate a controversy?** Though the museum owns five of Mendieta’s works, none of them are currently on display. Londres, 15 de jun. 2016. Disponível em: <<https://i-d.vice.com/en/article/zmxd35/who-is-ana-mendieta-and-why-is-her-absence-from-the-new-tate-a-controversy>>. Acesso em: 1 maio 2022.
- AUGUSTO, Thaís. SP lança edital para sistema de câmeras que identifica cor e ‘vadiagem’. **UOL**, São Paulo, 28 nov. de 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/11/28/sp-lanca-edital-para-sistema-de-cameras-que-identifica-cor-e-vadiagem.htm>>. Acesso em 28 nov. 2022.
- BARRAGÁN, Alba Margarida Aguinaga; LANG, Mirim; CHÁVEZ, Dunia Mokrani; SANTILLANA, Alejandra. Pensar a partir do feminismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. pp. 216-239.
- BARRETO, Eduardo. Governo Bolsonaro gastou R\$ 228 mil em viagem antiaborto na Suíça. **Metrópoles**, Brasília, 12 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/governo-bolsonaro-gastou-r-228-mil-em-viagem-antiaborto-na-suica>>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- BARRETO, Eduardo. Ministério dos Direitos Humanos não gastou um real com políticas LGBT. **Metrópoles**, Brasília, 24 out. 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/ministerio-dos-direitos-humanos-nao-gastou-um-real-com-politicas-lgbt>>. Acesso em: 26 out. 2022.
- BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu, 2021.

- BELL, Charlotte. **Protesters crossing Millennium Bridge en route to Tate Modern** [fotografia jornalística]. Nova Iorque: Hyperallergic, 14 jun. 2016a. Disponível em: <<https://hyperallergic.com/305163/protesters-demand-where-is-ana-mendieta-in-tate-modern-expansion/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BELL, Charlotte. **Protesters chanting slogans on the Turbine Hall ramp outside the artist's preview** [fotografia jornalística]. Nova Iorque: Hyperallergic, 14 jun. 2016b. Disponível em: <<https://hyperallergic.com/305163/protesters-demand-where-is-ana-mendieta-in-tate-modern-expansion/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BENITES, Afonso. Bolsonaro anuncia projeto que permite garimpo em área indígena e sugere “confinar ambientalistas”. **El País Brasil**, 5 fev. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-02-05/bolsonaro-anuncia-projeto-que-permite-garimpo-em-area-indigena-e-sugere-confinar-ambientalistas.html>>. Acesso em: 29 abr. 2021.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução de Irene Aron e Olgária Matos. Belo Horizonte UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- BIDASECA, Karina. Territorializar las Memorias, Abrazar los Mundos: Ana Mendieta, Arte Feminista Situado. **Arquivos do CMD**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 46-57, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/issue/view/2120>>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- BIDASECA, Karina. **Ana Mendieta: pássaro de oceano**. Tradução de Caroline Marim, Raísa Lima e Susana de Castro. Rio de Janeiro: NAU, 2022.
- BLOCKER, Jane. **Where Is Ana Mendieta?** Identity, Performativity, and Exile. Durham; Londres: Duke University Press, 1999.
- BOLSONARO edita decreto que estimula garimpo no Brasil. **O Popular**. Goiânia, 14 fev. 2022. Disponível em: <<https://opopular.com.br/cidades/bolsonaro-edita-decreto-que-estimula-garimpo-no-brasil-1.2402953>>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- BRANDÃO, Leci; PENNA, Isa; MALUNGUINHO, Érika. **Projeto de lei Nº 385, de 2022**. São Paulo: Alesp, 2022. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000448817>>. Acesso em 29 jan. 2023.
- BRASIL – Câmara dos Deputados. **Projeto torna aborto crime hediondo**. Brasília, 20 abr. 2007. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/98223-projeto-torna-aborto-crime-hediondo>>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Declaração Consensual de Genebra une países em defesa da vida e da família**. Brasília, 23 out. 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/outubro/declaracao-consensual-de-genebra-une-paises-em-defesa-da-vida-e-da-familia>>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- BRASIL. Presidência da República. **Criação do Dia Nacional do Nascimento e de Conscientização sobre os Riscos do Aborto**. Brasília, 06 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/participamaisbrasil/criacao-do-dia-nacional-do-nascimento-e-de-conscientizacao-sobre-os-riscos-do-aborto>>. Acesso em 12 abr. 2022.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Eleições 2022: mulheres são a maioria do eleitorado**. Brasília, 18 ago. 2022a. Disponível em:

<<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/eleicoes-2022-mulheres-sao-a-maioria-do-eleitorado-brasileiro>>. Acesso em: 26 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Responsável familiar é mulher em 81,6% dos lares que recebem o Auxílio Brasil em setembro**. Notícias: Desenvolvimento Social. Brasília, 19 set. 2022b. Disponível em: <<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/responsavel-familiar-e-mulher-em-81-6-dos-lares-que-recebem-o-auxilio-brasil-em-setembro#:~:>>. Acesso em 20 set. 2022.

BRETT, Guy. Única Energia. **Caderno Videobrasil**, São Paulo, n. 1, p. 22-37, 2005. Disponível em: <<http://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/links/309045>>. Acesso em 11 fev. 2022.

BRIZUELA, Natalia. **Depois da fotografia**: uma literatura fora de si. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

BRIZUELA, Natalia. What's the Matter with Photography? In: BRIZUELA, Natalia; ROBERTS, Jodi (orgs.). **The Matter of Photography in the Americas**. Stanford: Iris & B. Gerald Cantor Center for Visual Arts at Stanford University and Stanford University Press, 2018. pp. 14-19.

BUTLER, Judith. **A força da não-violência**: um vínculo ético-político. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

CASTILHO, Marcio de Souza. Palanque digital: as redes sociais como política de comunicação no governo Bolsonaro. **Temática**, João Pessoa, v. 15 n. 11. p. 145-159, nov. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/index/search/authors/view?givenName=Marcio%20de%20Souza&familyName=Castilho&affiliation=&country=BR&authorName=Castilho%2C%20Marcio%20de%20Souza>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

CESEC – Centro de Estudos de Segurança e Cidadania. **O Panóptico**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <<https://opanoptico.com.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CRARY, Jonathan. **24/07**: capitalismo tardio e os fins do sono. Tradução de Joaquim Toledo Jr. 3ª reimpressão. São Paulo: Ubu, 2021.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa**: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. Tradução de Ana Braga e Lior Zalis. São Paulo: n-1, 2021.

DAMARES gastou apenas 24% da verba de combate à violência contra a mulher. **Carta Capital**, São Paulo, 8 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/damares-gastou-apenas-24-da-verba-de-combate-a-violencia-contra-a-mulher/>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

DELLA BARBA, Mariana; WENTZEL, Marina. Discurso de Bolsonaro deixa ativistas 'estarecidos' e leva OAB a pedir sua cassação. **BBC News Brasil**, São Paulo; Rio de Janeiro, 19 abr. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_md>. Acesso em: 1 ago. 2022.

DIAS, Luciana da Costa. Ana Mendieta: vestígios de colonialismo, performance e feminismos na América Latina. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 44, p. 112-

136, jul./dez. 2022. Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>>. Acesso em 22 dez. 2022.

DIAS, Thaís. Golpistas transmitiram lives por mais de quatro horas sem serem derrubados pelo Youtube ou Meta. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 12 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2023/01/12/golpistas-transmitiram-lives-por-mais-de-quatro-horas-sem-serem-derrubados-pelo-youtube-ou-meta/>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa. **Pós**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 -219, nov. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>>. Acesso em 18 jun. 2021.

DINIZ, Iara. 'Plataformas lucram com desinformação de gênero', diz pesquisadora americana. **Lupa**, Rio de Janeiro, 9 mar. 2023. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/03/09/plataformas-lucram-com-desinformacao-de-genero-diz-pesquisadora-americana?utm_campaign=later-linkinbio-intervozes&utm_content=later-33807183&utm_medium=social&utm_source=linkin.bio>. Acesso em 9 mar. 2023.

DUNKER, Christian. Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. In: ABRANCHES, Sergio et al. **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia as Letras, 2019. pp. 116-135.

DUNKER, Christian. Imbrochável? 'Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil', diz psicanalista. In: SENRA, Ricardo. Imbrochável? 'Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil', diz psicanalista. **BBC News Brasil**, São Paulo; Rio de Janeiro, 7 set. 2022. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997?xtor=AL-73-\[partner\]-\[em.com.br\]-\[link\]-\[brazil\]-\[bizdev\]-\[isapi\]](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997?xtor=AL-73-[partner]-[em.com.br]-[link]-[brazil]-[bizdev]-[isapi])>. Acesso em: 8 set. 2022.

EDUARDO Bolsonaro compara Amazônia a “mulher bonita” e diz que doações de outros países são como prostituição. **Brazil 247**, 29 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.brazil247.com/brasil/eduardo-bolsonaro-compara-amazonia-a-mulher-bonita-e-diz-que-doacoes-de-outros-paises-sao-como-prostituicao>>. Acesso em 3 dez. 2021.

FARIAS, Elaíze. Em carta a Lula, mulheres Yanomami pedem retirada de garimpeiros de seu território. In: **Amazônia real**, 12 dez. 2022. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/em-carta-a-lula-mulheres-yanomami-pedem-retirada-de-garimpeiros-de-seu-territorio/#:~:text=%E2%80%9CQueremos%20viver%20na%20floresta%20viva,os%20animais%20que%20%C3%A1%20vivem..> Acesso em: 25 jan. 2023.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo**: Feminismo e a política dos comuns. Tradução: Coletivo Sycorax: Solo Comum. São Paulo: Elefante Editora, 2022.

FRANCISQUETTI, Paula Patrícia Serra Nabas. **Ana Mendieta**: atravessamentos em um coração desprotegido. 153f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação

Interunidades de Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

- FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013a[1913].
- FREUD, Sigmund. Sobre psicanálise “selvagem”. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“o homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos**: Obras completas volume 9. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2013b[1910]. pp. 250-258.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019[1900].
- GAGO, Verónica. **Potência Feminista, ou o desejo de transformar tudo**. Tradução de Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2020a.
- GAGO, Verónica. Violências: há uma guerra *no e contra* o corpo das mulheres? **Potência Feminista, ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020b. pp.71-103.
- GAGO, Verónica. Violências: Assembleias: um dispositivo situado de inteligência coletiva. **Potência Feminista, ou o desejo de transformar tudo**. Tradução de Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2020c. pp. 187-214.
- GAGO, Verónica. #LaInternacionalFeminista **Potência Feminista, ou o desejo de transformar tudo**. Tradução de Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2020d. pp.217-247.
- GAGO, Verónica. Corpo-território: o corpo como campo de batalha. **Potência Feminista, ou o desejo de transformar tudo**. Tradução de Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2020e. pp.105-140.
- GAGO, Verónica. Leituras sobre o feminismo e o neoliberalismo. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 195-205, 2021. Disponível em: <<https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2802>>. Acesso em 29 nov. 2022.
- GELEDÉS. **Santería**. São Paulo, 25 de jul. 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/santeria/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.
- GHEROVICI, Patricia. **Uma psicanálise por vir**: repensando a psicanálise no século XXI. Tradução de William Zeytounlian.. São Paulo: Aller, 2022.
- GING, Debbie. Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. **Men and Masculinities**, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2019.
- GOLDBERG, Roselee. **A arte da performance**: do futurismo ao presente. Tradução de Jefferson Camargo. Lisboa: Orfeu Negro, 2007.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b[1983]. pp. 75-93.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (orgs.): **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a[1995]. pp. 158-170.

GOVERNO faz denúncia ao MP de adesivo com ofensa a Dilma. **Terra**, Brasil, 2 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/governo-denuncia-adesivo-com-ofensa-sexual-a-dilma,33f5fa7ff225c4a3d42f654bee769de9s9leRCRD.html>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

GURSKI, Rose. **Juventude e paixão pelo real**: problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual. 219 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

GURSKI, Rose; PERRONE, Cláudia. “Constelação”: Sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia. In: DUNKER, Christian; PERRONE, Cláudia; IANNINI, Gilson, ROSA, Miriam Debieux; GURSKI, Rose (orgs.). **Sonhos confinados**: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. pp. 109-130.

GURSKI, Rose; STRZYKALSKI, Stéphanie. A pesquisa em psicanálise e o “catador de restos”: enlances metodológicos. **Revista Ágora**: estudos em teoria psicanalítica. Rio de Janeiro, v. XXI, n. 3, p. 406-4015, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/vnKMzvJMGzLympC9GWwQ96b/?lang=pt>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

INESC – Instituto de Estudos Socioeconômicos. Nota Técnica Análise do Orçamento de Políticas de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (de 2019 a 2023). Brasília, 2 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.inesc.org.br/nota-tecnica-analise-do-orcamento-de-politicas-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres-de-2019-a-2023/#:~:text=Esta%20nota%20t%C3%A9cnica%20apresenta%20um,seja%2C%20de%202019%20a%202022.>>>. Acesso em 5 mar. 2023.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Policy Brief em questão: evidências para políticas públicas. Brasília, mar. 2023. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/portal/publicacao-item?id=6a37bfaa-60d1-41cd-8978-118c8b569798&highlight=WyJwb2xpY3kiLCJwb2xpY3knIiwicG9saWN5J3MiLCJicmlZiIsInBvbGljeSBicmlZiJd>>. Acesso em 5 abr. 2023.

IVÁNOVA, Adelaide. O urubu. **O martelo**. Rio de Janeiro: Garupa, 2017.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LACAN, Jacques. **O seminário**: livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985a.

LACAN, Jacques. **O seminário**: livro 20: mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985b.

LACAN, Jacques. **O seminário**: livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

- LACAN, Jacques. **O seminário**: livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do Eu (1949). In: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. Pp. 97-104.
- LACAN, Jacques. **O seminário**: livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958). Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LACAN, Jacques. O simbólico, o imaginário e o real. **Nomes-do-Pai**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. pp. 9-54.
- LACAN, Jacques. **O seminário**: livro 23: o sintoma (1975-1976). Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- LIMA-SANTOS, André Villela de Souza; SANTOS, Manoel Antônio dos. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1081-1102, 2022. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/69802>>. Acesso em 22 dez. 2022.
- LIMONTA, Ileana de Las Mercedes Hodge. **Cultura de resistência e resistência de uma identidade cultural**: a santería cubana e o candomblé brasileiro (1950-2000). 387f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020[2008]. pp. 53-83.
- MAGALHÃES, Alice Azevedo; GOMES, Técio Spínola. Regulação de sistemas de reconhecimento facial para fins de segurança pública no Brasil: riscos e desafios. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 8, n. 47, p. 168-182, 2021. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5639>>. Acesso em 15 jan. 2023.
- MAIS de 100 mil crianças não receberam o nome do pai este ano. **Agência Brasil**, São Paulo, 28 ago. 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/mais-de-100-mil-criancas-nao-receberam-o-nome-do-pai-este-ano>>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- MARTINS, Alessandra Affortunati. Fricção entre corpo e palavra: crítica ao Moisés de Freud e Lacan. In: MARTINS, Alessandra Affortunati; SILVEIRA, Léa (orgs.). **Freud e o patriarcado**. São Paulo: Hedra, 2020.
- MARTINS, Alessandra Affortunati. A ilusão de <<única>> e outros desejos de mulheres. **Revista Cult**. São Paulo, 17 jan. 2022b. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/ilusao-de-ser-unica-e-outros-desejos-de-mulheres/>>. Acesso em 19 jan. 2022.
- MARTINS, Alessandra Affortunati. Vibrações contra imbrocháveis. **Revista Cult**. São Paulo, 12 set 2022a. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/vibracoes-contra-imbrochaveis/>>. Acesso em 13 set. 2022.

- MARTINS, Alessandra Affortunati. Sobre a inveja da vulva na psicanálise. In: PONCIANO, J.V. (org.) **Psicanálise e feminismo: anarquia e subversão**. São Paulo: Blucher, 2023. No prelo
- MARTINS, Alessandra Affortunati; SILVEIRA, Léa (orgs.). **Freud e o patriarcado**. São Paulo: Hedra, 2020.
- MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Unicamp, 2010.
- MENDIETA, Ana. **Sem título (Glass on Body Imprints)**. 1972a. Série fotográfica. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Sem título (Facial Variations Cosmetic)**. 1972b. Série fotográfica. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Bird Transformation**. 1972c. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Sem título (Rape Scene)**. 1973a. Registro fotográfico de performance. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Imagen de Yagul (série Silueta)**. 1973b. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Sem título (Rape)**. 1973c. Registro fotográfico de performance. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Sem título (Self-Portrait with Blood)**. 1973d. Série fotográfica. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Flower Person, Flower Body**. 1975a. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Alma, Silueta en Fuego**. 1975b. Registro fotográfico de performance. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Sem título [série Fetish (Iowa)]**. 1977. Série fotográfica. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Sem título (série Silueta)**. 1978a. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Sem título (série Silueta)**. 1978b. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Dialectics of Isolations: An Exhibition of Third World Women Artists of the United States** (catálogo). The A.I.R. Gallery Archive; MSS 184; 11; 440, Nova Iorque: New York University Libraries, 1980a.
- MENDIETA, Ana. **Venus Negra**. 1980b. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.
- MENDIETA, Ana. **Sem título (Maroya)**. 1981 a. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.

MENDIETA, Ana. **Sem título (Jaruco)**. 1981b. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.

MENDIETA, Ana. **Bacayú [Light of Day (Rupestrian Sculptures)]**. 1981c. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.

MENDIETA, Ana. **Itiba Cuhababa [Old Mother Blood (Rupestrian Sculptures)]**. 1981d. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.

MENDIETA, Ana. **Sem título [Guanaroca (First Woman)]**. 1981e. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.

MENDIETA, Ana. **Guacar (Our Menstruation)**. 1981f. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.

MENDIETA, Ana. **Sem título (série Sandwoman)**. 1983. Série fotográfica. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.

MENDIETA, Ana. **Sem título**. 1985. Fotografia. The Estate of Ana Mendieta Collection, Galerie Lelong & Co., Nova Iorque.

MENDIETA, Ana. Ana Mendieta [entrevista concedida a Linda M. Montano]. IN: MONTANO, Linda M. (org.). **Performance artists talking in the eighties: sex, food, money/fame, ritual/death/**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press Berkeley University of California Press, 2000. pp. 394-399.

MENINO veste azul e menina veste rosa', diz Damares Alves. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 jan. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml>>. Acesso em: 3 dez. 2021.

MIRÁS, Denise; VENTURA, Duda; MENEZES, Thales de. Tragédia dos Yanomami se configura como genocídio e pode levar Bolsonaro a tribunal internacional. **Istoé**, 27 jan. 2023. Disponível em: <<https://istoe.com.br/nao-e-tragedia-humanitaria-e-genocidio/>>. Acesso em 28 jan. 2023.

MORI, Letícia. 'A boiada passou e corre o risco de passar de novo': as preocupações de ambientalistas um ano após reunião ministerial de Bolsonaro. **BBC News Brasil**, São Paulo, 22 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56831720>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. **Screen**, Glasgow, v. 16, n. 3, p. 6-18. outono 1975. Disponível em: <<https://academic.oup.com/screen/article/16/3/6/1603296> >. Acesso em 21 abr. 2021.

NÓBREGA, Liz. Monetizando a misoginia: a desinformação de gênero nas redes sociais. **Desinformante**, 24 mar. 2023. Disponível em: <<https://desinformante.com.br/misoginia-redes-sociais/>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** Tradução de Juliana Vacaro. São Paulo: Aurora, 2016[1971].

- OLIVEIRA, Caroline. Damares reserva em 2022 a menor verba para o combate à violência contra mulher em quatro anos. **Brasil de Fato**, São Paulo, 8 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/03/08/damares-reserva-em-2022-a-menor-verba-para-o-combate-a-violencia-contra-mulher-em-quatro-anos>>. Acesso em: 9 mar. 2022.
- ONU MULHERES. **Último dia da 67ª sessão da Comissão sobre a Situação das Mulheres (CSW)**. 17 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.onumulheres.org.br/noticias/ultimo-dia-da-67a-sessao-da-comissao-sobre-a-situacao-das-mulheres-csw/>>. Acesso em 17 mar. 2023.
- OXFORD Internet Institute. **Explicando IA**. Oxford, 2023. Disponível em: <<https://atozofai.withgoogle.com/intl/pt-BR/>>. Acesso em 13 mar. 2023.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- PELBART, Peter. Contra os limites da linguagem, a ética da imagem. **Princípios: Revista de Filosofia**, UFRN, Natal, v. 27, n. 53, p. 135-144, maio/ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/20241>>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- PERREAULT, John. Tierra y Fuego: La Obra de Mendieta. Tradução do inglês para o espanhol de Myrna Nieves-Colón. In: BARRERAS DEL RIO, Petras; PERREAULT, John. **Ana Mendieta: A Retrospective**. Nova Iorque: The New Museum of Contemporary Art, 1987.
- PERRONE, Cláudia; GURSKI, Rose. “Do ensaio-flânerie à escuta-flânerie: contribuições ao campo das pesquisas em psicanálise e (sócio)educação”. In: VOLTOLINI, Rinaldo; GURSKI, Rose (orgs.). **Retratos da pesquisa em Psicanálise e Educação**. São Paulo: Contracorrente, 2020. pp. 63-80.
- PIRES, Luísa P.; GURSKI, Rose. A construção da escuta-*flânerie*: uma pesquisa psicanalítica com socioeducadores. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 31, p.1-10, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psup/a/ypMb5wvKSJ3cbcdLvL59sq/?lang=pt> >. Acesso em 13 out. 2021.
- QUINN, Bridget. Chapter 13: Ana Mendieta. **Broad strokes: 15 women who made art and made history (in that order)**. San Francisco: Chronicle Books, 2017.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: 34, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. **O trabalho das imagens**: conversações com Andrea Soto Calderón. Tradução de Ângela Marques. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2021.
- REDPILL, Incel, MGTOW: entenda o que acontece em grupos masculinos que pregam ódio às mulheres. **Portal G1**. 3 mar. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/03/03/redpill-incelel-mgtow-entenda-o-que-acontece-em-grupos-masculinos-que-pregam-odio-as-mulheres.ghtml>>. Acesso em 3 mar. 2023.

- RIVERA, Tania. Ensaio sobre a sublimação. **Discurso**, São Paulo, n. 36, p. 313-326, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38083>>. Acesso em: 15 set. 2021.
- ROBERTS, Jodi. Imprints. In: BRIZUELA, Natalia; ROBERTS, Jodi. **The Matter of Photography in the Americas**. Stanford: Iris & B. Gerald Cantor Center for Visual Arts at Stanford University and Stanford University Press, 2018a. pp. 102-115.
- ROBERTS, Jodi. Performance. In: BRIZUELA, Natalia; ROBERTS, Jodi. **The Matter of Photography in the Americas**. Stanford: Iris & B. Gerald Cantor Center for Visual Arts at Stanford University and Stanford University Press, 2018b. pp. 120-127.
- RODRIGUES, Cris. Neste 1º de abril, relembre nove fake news que marcaram o cenário político do Brasil. **Brasil de Fato**, São Paulo, 1 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/04/01/neste-1o-de-abril-relembre-nove-fake-news-que-marcaram-o-cenario-politico-do-brasil>>. Acesso em 18 fev. 2023.
- ROSE, Jacqueline. **Sobre a violência e sobre a violência contra as mulheres**. Tradução de Mônica Kalil. São Paulo: Fósforo, 2022.
- SAID, Edward W. **Freud e os não-europeus**. Tradução de Arlene Clemesha. São Paulo: Boitempo, 2004.
- SALABERT, Duda. Duda Salabert: Cassação é pouco; Nikolas cometeu crime e deve ser preso. **UOL**, 9 mar. 2023. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/03/09/duda-salabert-cassacao-e-pouco-nikolas-cometeu-crime-e-deveserpreso.htm>>. Acesso em: 9 mar. 2023.
- SENRA, Ricardo. Imbrochável? 'Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil', diz psicanalista. **BBC News Brasil**, São Paulo; Rio de Janeiro, 7 set. 2022. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997?xtor=AL-73-\[partner\]-\[em.com.br\]-\[link\]-\[brazil\]-\[bizdev\]-\[isapi\]](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997?xtor=AL-73-[partner]-[em.com.br]-[link]-[brazil]-[bizdev]-[isapi])>. Acesso em: 8 set. 2022.
- SHIRAZI, Sadia. Returning to Dialectics of Isolation: The Non-Aligned Movement, Imperial Feminism, and a Third Way. **Panorama: Journal of the Association of Historians of American Art**, v. 7, n. 1, primavera 2021. Disponível em: <<https://journalpanorama.org/article/dialectics-of-isolation/#markerref-11426-27>>. Acesso em: 28 jan. 2023.
- STEINHOUR, Jillian. **The No Wave Performance Task Force left blood and guts in front of the Dia Art Foundation in honor of the late Ana Mendieta** [fotografia jornalística]. Nova Iorque: Hyperallergic, 20 maio 2014. Disponível em: <<https://hyperallergic.com/127500/artists-protest-carl-andre-retrospective-with-blood-outside-of-diachelsea/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- SUDRÉ, Lu. Apologia de Bolsonaro à exploração sexual de brasileiras é repudiada nacionalmente. **Brasil de Fato**, São Paulo, 30 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/04/30/apologia-de-bolsonaro-a-exploracao-sexual-de-brasileiras-e-repudiada-nacionalmente>>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- TERRORISMO em Brasília: o dia em que bolsonaristas criminosos depredaram Planalto, Congresso e STF. **Portal G1**. Brasília, 8 jan. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/o-dia-em-que->

bolsonaristas-invadiram-o-congresso-o-planalto-e-o-stf-como-isso-aconteceu-e-quais-as-consequencias.ghml>. Acesso em 8 jan. 2023.

THE MATRIX. Direção: Lilly Wachowski; Lana Wachowski. Warner Bros., 1999. Filme longa-metragem (136 min), son., color.

VARGAS, André. Um ano após ataque em Suzano, túmulo de assassino recebe visitas de admiradores. **UOL**, 13 mar. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/03/13/um-ano-apos-ataque-em-suzano-tumulo-de-assassino-recebe-visitas-de-admiradores.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

WOLF, Christa. **Cassandra**. Tradução do alemão para o inglês de Jan van Heurck. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1984.